

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

ABSCESO PROSTÁTICO EM UM CANINO¹

Luyggi Giovani Schmidt², Valter Da Silveira Júnior³, Cristiane Beck⁴, Luciana Mori Viero⁵.

¹ RELATO DE CASO DESENVOLVIDO DURANTE ESTÁGIO FINAL SUPERVISIONADO

² Graduando do curso de Medicina Veterinária da UNIJUÍ

³ Graduando do curso de Medicina Veterinária da UNIJUÍ

⁴ Professora do curso de Medicina Veterinária da UNIJUÍ

⁵ Professora do curso de Medicina Veterinária da UNIJUÍ

Introdução

A próstata é uma glândula sexual acessória do canino macho que secreta líquido seminal através do controle hormonal e nervoso. Esse líquido fluidifica e aumenta o volume do ejaculado e, possivelmente, auxilia no transporte do esperma (KUSTRITZ & KLAUSNER, 2008). Em seu tamanho e formato normal ela envolve a porção proximal da uretra, localiza-se ventralmente ao reto e caudalmente à vesícula urinária (LATTIMER & ESSMAN, 2010).

A ocorrência de prostatopatias é comum em cães de meia-idade ou idosos e, por razões desconhecidas, extremamente raras em gatos (KAY, 2008). Nelas estão incluídas a hiperplasia prostática benigna, prostatite bacteriana, abscessos, cistos e neoplasias prostáticas, nestes casos, a sintomatologia é semelhante, porque cada uma delas causa certo grau de aumento de volume ou inflamação do órgão (NELSON & COUTO, 2010).

O abscesso prostático pode se formar através de uma extensão da prostatite bacteriana ou de doenças císticas primárias (LATTIMER & ESSMAN, 2010). A localização proximal da próstata em relação à uretra, com sua flora bacteriana normal, predispõe à infecção (BASINGER et al., 2007).

Diante disso, a próstata faz uso de mecanismos de defesa (HEDLUND, 2008). Porém, em alguns casos, esses mecanismos não são suficientes, podendo ocorrer à colonização do parênquima prostático, por diversos agentes, dentre os microorganismos isolados, os mais comumente encontrados incluem *Escherichia coli*, *Streptococcus*, *Staphylococcus* e *Mycoplasma*; bactérias anaeróbias ou infecções micóticas são consideradas raras (BASINGER et al., 2007; KAY, 2008; KUSTRITZ & KLAUSNER, 2008; NELSON & COUTO, 2010).

Os sinais clínicos apresentados variam com o curso da enfermidade. Os mais comumente encontrados são tenesmo, corrimento sanguinolento com ou sem micção, eventualmente, pode haver presença de sangue no sêmen. De forma inespecífica pode ocorrer febre e dor abdominal caudal (NELSON & COUTO, 2010). Em abscessos prostáticos cães podem ser assintomáticos ou apresentar sinais de septicemia devido à infecção fulminante e peritonite (KUSTRITZ & KLAUSNER, 2008).

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

O diagnóstico pode ser feito através dos achados no exame físico, ultrassonografia, citologia e cultura do líquido prostático. O hemograma e a urinálise são exames complementares inespecíficos que auxiliam no diagnóstico (NELSON & COUTO, 2010). Lattimer & Essman (2010) afirmam que a radiografia é outro método para confirmar a patologia, pois mesmo a próstata não sendo visualizada rotineiramente em animais hígdos, em cães com prostatomegalias ela pode ser identificada por este exame.

O tratamento medicamentoso constitui em uma antibioticoterapia com base no resultado da cultura e antibiograma do fluido espermático (BOOTHE, 2008). Deve-se empregar antibióticos capazes de penetrar na barreira hematoprostática, para isso, esses fármacos devem possuir alta lipossolubilidade e baixa ligação protéica, tais como cloranfenicol, enrofloxacina e sulfametoxazol associado a trimetoprina (KUSTRITZ & KLAUSNER, 2008).

A indicação de cirurgia concentra-se na drenagem ou na excisão do tecido prostático abscedado (BASINGER et al., 2007). Hedlund (2008) sugere a castração após drenagem e estabilização do animal e, ainda aconselha a prostatectomia parcial em cães com formação recorrentes de abscessos. Outras técnicas incluem omentalização prostática, marsupialização e colocação de drenos.

O objetivo desse trabalho é relatar um caso de um canino que apresentava sinais de doença prostática, tais como tenesmo e disúria.

Metodologia

Um canino da raça Dálmata, macho, não castrado, com dez anos de idade e pesando 28,8 kg foi atendido no hospital veterinário da UNIJUÍ. Segundo a proprietária, o animal estava apático e com dificuldade para urinar e defecar.

No exame físico o animal apresentou mucosas normocoradas, temperatura retal de 39°C, frequência cardíaca e respiratória dentro dos parâmetros fisiológicos da espécie, bem como o tempo de perfusão capilar. A suspeita clínica inicial era de hiperplasia prostática, contudo, não foi identificada a próstata pela palpação retal.

Para a avaliação geral do canino e auxílio diagnóstico foi coletado sangue e urina e solicitado hemograma, dosagem de creatinina, ALT e FA, além da urinálise. Posteriormente foi prescrito amoxicilina com ácido clavulânico de potássio na dose de 20 mg/kg, a cada 12 horas, por via oral, durante 14 dias. Após três dias o animal retornou ao hospital para realização da ultrassonografia, prescrita inicialmente, a fim de investigar a suspeita clínica. Durante o exame, foi percebida na próstata uma imagem circunscrita hipoecóica e então decidido pela punção aspirativa guiada por ultrassom. Sendo assim, o conteúdo foi drenado e encaminhado para cultura e antibiograma.

Após três dias do término do tratamento, o animal retornou ao hospital para reavaliação da próstata a partir de uma nova ultrassonografia. Neste dia, segundo a proprietária, o animal não apresentava mais os sinais clínicos anteriormente relatados. Diante dos resultados encontrados, foi sugerida a castração do animal, a qual ocorreu dias depois.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

Um dia após o procedimento cirúrgico, o animal foi encaminhado para casa, onde recebeu anti-inflamatório por três dias. Atualmente o animal encontra-se bem, sem nenhuma alteração clínica.

Resultados e Discussões

A maior casuística de abscessos prostáticos é descrita em animais com mais de oito anos de vida, podendo acometer animais jovens de forma menos freqüente (HEDLUND, 2008), neste caso a idade do animal pode ter sido um fator predisponente. Outro fator desencadeante foi o fato de se tratar de um animal não castrado, pois para Basinger et al. (2007) animais que foram orquiectomizados de forma precoce têm menores chances de desenvolverem afecções prostáticas, exceto a neoplasia dessa glândula.

A raça do animal não parece ter ligação com o aparecimento da doença, não havendo evidências de possíveis predisposições. No relato de Fonseca-Alves et al. (2012) a maior prevalência ocorreu em Pastor Alemão, Shih-Tzu e Cocker Spaniel.

Os sinais clínicos de tenesmo e disúria, apresentados pelo paciente são esperados, uma vez que o aumento da próstata leva ao deslocamento dorsal do cólon, comprimindo o mesmo contra o sacro e a pelve, levando a diminuição do diâmetro retal. (LATTIMER & ESSMAN, 2010). A disúria é justificada pela prostatomegalia deslocar a vesícula urinária no sentido cranial (KUSTRITZ & KLAUSNER, 2008).

O exame da próstata, através da ultrassonografia, identifica espaços intraparenquimatosos preenchidos por líquido que são compatíveis com abscesso (NELSON & COUTO, 2010). Basinger et al. (2007) considera esse exame de imagem mais sensível e informativo para a detecção de prostatopatias, se comparado à radiografia, além de ser altamente vantajoso por guiar a agulha de biópsia até as áreas afetadas, conforme ocorrido no presente caso.

A ultrassonografia demonstrou a próstata com suas dimensões alteradas, formato irregular, parênquima heterogêneo devido à presença de áreas anecóicas de diferentes tamanhos, ecogenicidade aumentada, presença de uma área hipocóica de contorno regular que sugeria abscesso.

O líquido presente no abscesso foi puncionado com o auxílio da ultrassonografia e encaminhado para cultura e antibiograma. O conteúdo retirado foi de aproximadamente 6 ml, de aspecto purulento localizado no parênquima prostático. Uma das técnicas de drenagem, indicadas em abscessos, é a percutânea guiada por ultrassonografia (BOOTHE, 2008), que além de servir como diagnóstico foi útil no tratamento. Contudo, o resultado da cultura não apresentou crescimento bacteriano, isso possivelmente ocorreu pela antibioticoterapia ter iniciado três dias antes do procedimento.

No hemograma o animal apresentou alterações na série branca, onde foi constatado leucocitose por neutrofilia, com desvio a esquerda regenerativo. Esse resultado é uma resposta do organismo frente

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

a um quadro infeccioso (BUSH, 2004), situação que justifica o abscesso ser uma possível extensão de prostatite bacteriana (KAY, 2008). Para Nelson & Couto (2010) a leucocitose neutrofílica com desvio à esquerda é uma alteração tipicamente observada em cães com abscesso prostático.

No perfil bioquímico foi avaliado a creatinina e as enzimas hepáticas ALT e FA, porém nenhuma apresentou alteração. Kay (2008) explica que apenas em animais com prostatite bacteriana há um aumento na atividade da FA, não havendo relatos de alterações específicas de abscessos prostáticos. Na urinálise, o exame químico apresentou um pH de 9,0, eritrócitos (+++), na análise do sedimento foram observadas algumas hemácias e bactérias aumentadas, porém os outros parâmetros estavam dentro dos valores fisiológicos. Estes resultados indicaram que o paciente apresentava um quadro de cistite.

Para Hedlund (2008) a infecção urinária é um fator predisponente para a infecção da próstata, sugerindo que no presente caso, a cistite predispôs o canino a prostatite bacteriana, e posterior a formação do abscesso prostático.

Andrade (2008) considera a amoxicilina um dos antibióticos de eleição para a infecção do trato urinário de cães. Porém, alerta que a mesma, possui baixa difusão pelo tecido prostático. As sulfas associadas à trimetoprima ou a enrofloxacin são os fármacos indicados para as afecções prostáticas, por ultrapassarem a barreira hematóprostática, além de possuírem boas concentrações urinárias.

Na segunda ultrassonografia, a próstata apresentou as dimensões aumentadas, porém menores e o abscesso já não era mais presente. Diante disso, foi sugerido a orquiectomia bilateral do paciente, que ocorreu alguns dias após.

Para Brandão et al. (2006), a maioria dos cães submetidos a esse procedimento, apresenta pelo menos 50% de redução do volume prostático depois de 15 dias. Posterior a cirurgia, a próstata do paciente não foi avaliada, apenas houve o contato com a proprietária, a qual informou que o animal estava bem, sugerindo uma resolução do quadro inicial.

Conclusão

O abscesso prostático é uma das prostatopatias que acometem, principalmente, cães mais velhos, ocasionando sinais clínicos diversos que podem levar até a morte do paciente. A ultrassonografia demonstrou um meio eficaz para o diagnóstico, tanto por apresentar detalhes da próstata, quanto por guiar o clínico em direção ao abscesso, possibilitando a realização do diagnóstico e tratamento parcial. Além disso, a escolha do fármaco é de fundamental importância para o sucesso da terapia.

Palavras chave: Prostatite; Punção percutânea; Ultrassonografia.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, S. F. Manual de terapêutica veterinária, 3. ed. São Paulo: Roca, 2008. cap. 1, p. 23-27.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

BASINGER, R. R.; ROBINETTE, C. L.; SPAULDING, K. A. Próstata. In: SLATTER, D. Manual de cirurgia de pequenos animais, 3. ed. Barueri: Manole, 2007, cap. 104, p. 1542-1555.

BOOTHE, H. W. Cirurgia da próstata. In: BIRCHARD, S.J.; SHERDING. Manual saunders clínica de pequenos animais. 3. ed. São Paulo: Roca, 2008. cap 85, p. 978-983.

BRANDÃO, C. V. S. et al. Orquiectomia para a redução do volume prostático. Estudo experimental em cães. In: Archives of Veterinary Science, v.11, n. 2. p. 7-9, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/veterinary/article/view/6751/4834>>. Acesso em: 2 abril 2016.

BUSH, B.M. Interpretação de resultados laboratoriais para clínicos de pequenos animais, São Paulo: Roca, 2004. cap. 3, p. 100-101.

DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. Tratado de anatomia veterinária, 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. cap. 15, p. 435-436.

FONSECA-ALVES, C. E. et al. Abscesso prostático em cães: relato de 15 casos. In: Semina: Ciências Agrárias, v. 33, n. 3, p. 1157-1164, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/wrevojs246/index.php/semagrarias/article/view/6475/10850>>. Acesso em: 29 abril 2016.

GUIDO, M. C. Ultra-sonografia do aparelho reprodutor masculino. In: CARVALHO, C.F. Ultra-sonografia em pequenos animais, São Paulo: Roca, 2004. cap. 15, p. 219-223.

HEDLUND, C. S. Cirurgia dos sistemas reprodutivo e genital. In: FOSSUM, T. W. et al. Cirurgia de pequenos animais, 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008, cap. 26, p. 750-757.

KAY, N. D. Doenças da próstata. In: BIRCHARD, S.J.; SHERDING. Manual saunders clínica de pequenos animais. 3. ed. São Paulo: Roca, 2008. cap 84, p. 970-977.

KUSTRITZ, M. V. R.; KLAUSNER, J. S. Doenças prostáticas. In: ETTINGER, S.J.; FELDMANN, E. C. Tratado de medicina interna veterinária, 3. ed. vol. 2. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. cap. 172, p. 1777-1784.

LATTIMER, J. C.; ESSMAN, S. C. A próstata. In: THRALL, D. E. Diagnóstico de radiologia veterinária, 5. ed. São Paulo: Elsevier, 2010. cap. 43, p. 729-737.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais, 4. ed. São Paulo: Elsevier, 2010. cap. 62, p. 976-981.

REBAR, A.; FETTMAN, M. J. Avaliação laboratorial da função renal. In: THRALL, M. A. et al. Hematologia e bioquímica clínica veterinária. São Paulo: Roca, 2007. cap. 21, p. 298-302.



Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica